



## REDAÇÃO

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) afirma que o modelo prisional, analisado e classificado como disciplinar, não era exclusivo dos presídios, mas constituía uma marca da sociedade moderna (para ele, os séculos XIX e XX). O filósofo compara seus mecanismos de funcionamento ao modelo adotado nas escolas, nas fábricas, nos asilos psiquiátricos, no exército, entre outros estabelecimentos sociais.

Assim como o preso, o aluno tem o espaço determinado da sua carteira, o tempo programado de cada aula é vigiado pelos professores e funcionários da escola e tem suas atividades previstas. O mesmo ocorre com o operário e o interno psiquiátrico. Para Foucault, a característica das instituições modernas é o controle minucioso do tempo, dos gestos e da força dos indivíduos em um espaço determinado. (...) E o efeito desse mecanismo é a "padronização das ações dos indivíduos em suas diversas realizações".

Como cada indivíduo está vinculado a um lugar determinado, tem suas atividades previstas e atreladas às frações de tempo e é vigiado de forma contínua, ocorre uma composição das forças individuais, o que é destinado à produção de algo esperado. "Trabalho na fábrica, conhecimento na escola. Todo esse controle é produtor. Ao compor essas forças, consegue-se um aparelho produtivo". Para isso, cada indivíduo passa a fazer parte de uma engrenagem, deixa de ser abordado nele mesmo e se torna parte de um todo produtivo.

Adaptado de *Regras em toda parte*. Patrícia Pereira. A autora é jornalista e estudante de Filosofia na USP. Revista Ciência & Vida. Filosofia. Ano I. Número 5.

Para entender como a sociedade de controle funciona na prática, é preciso saber o que Michel Foucault (filósofo francês) pensa sobre liberdade, autonomia e constituição do sujeito. A autonomia, no sentido clássico, pressupõe o descolamento de qualquer determinação exterior à vontade. Mas para Foucault isso não é possível. Sua ideia de autonomia é o contrário. (...)

Segundo Foucault, a constituição de um indivíduo se dá com a internalização de uma moral e um sujeito só poderia assumir uma posição de autonomia se isso resultasse de uma espécie de adestramento, com a constituição da vontade pela internalização de princípios de conduta. O sujeito moderno criou a aspiração à autonomia, mas isso é algo irrealizável. "Só existe autonomia onde há imputabilidade, ou seja, responsabilidade pela própria ação, e onde há o sentimento de culpa. E a culpa só pode ser o resultado da internalização de leis morais". No fundo, Foucault questiona a noção de vontade autônoma, pois todos seguem certos padrões reconhecidos de conduta, que são socialmente determinados.

A autonomia não corresponde a seu próprio conceito de realização de algo da ordem da autodeterminação da vontade. "A experiência da liberdade e da autonomia se perde no processo de socialização". A vontade autônoma só se dá quando a vontade do sujeito se identifica com o padrão geral de conduta.

Adaptado de *Liberdade e autonomia*. Patrícia Pereira. A autora é jornalista e estudante de Filosofia na USP. Revista Ciência & Vida. Filosofia. Ano I. Número 5.

A autonomia é uma ilusão. (...) Com a evolução da sociedade mais aberta e a mobilidade dos indivíduos, com a possibilidade de se escolher com quem casar a partir de suas próprias tendências e sentimentos, com a chance de escolher sua profissão, lugar onde viver, lugares para conhecer, comprar livros ou usar a internet, temos a impressão de que somos livres, de que podemos escolher. Hoje, parece que a vida tem um curso aberto e que os indivíduos determinam, escolhem esse curso. Tente localizar as

pessoas que realmente são autônomas nesse sentido, que agem em função de algo que vem de dentro delas, de suas concepções.

Não estou dizendo que não existem estímulos que vêm de dentro, de sensações, preferências, tendências. Mas em que medida essas preferências e tendências influenciam e são o fator determinante sobre seus atos? Em segundo lugar, em que medida suas ideias vêm realmente de dentro, e não de imposições externas que dizem o que fazer, que já viraram uma espécie de segunda natureza?

Vivemos numa ilusão de autonomia que não se coaduna com o fato de que a maioria dos nossos pensamentos, preferências e desejos são determinados socialmente por forças alheias a nós. Assim, a ideia de autonomia é um paradoxo, uma ilusão. Pelo menos as sociedades mais antigas (não digo primitivas, porque deveríamos perguntar, em última instância, quem é mais primitivo, nós ou elas) não viviam nessa ilusão. As sociedades modernas criaram o conceito de autonomia, inventaram-no.

Comentário de Marcelo Dascal, professor de filosofia, em entrevista concedida a Márcia Junges. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2164-lutero-pioneiro-na-analise-de-temas-economicos-a-luz-da-teologia>. Reproduzido em 22 de março de 2019.

---

A vida em sociedade pressupõe a existência de um sujeito apto a seguir as regras de conduta que são determinadas para que seja alcançada uma conjuntura social organizada, obediente aos padrões considerados aceitáveis pela maioria dos cidadãos. Na concepção de muitos estudiosos, essa obediência furta qualquer autonomia individual (liberdade de gerir plenamente a própria vida, efetuando racionalmente as próprias escolhas). Os textos acima reproduzidos tratam desta questão. Reflita sobre eles e, valendo-se de outras ideias que julgue pertinentes, escreva uma dissertação em prosa sobre o tema: **A autonomia dos indivíduos é uma mera ilusão no mundo contemporâneo?**

### Instruções

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Este material está registrado em cartório sob a Lei dos Direitos Autorais. Assim, “é vedada a reprodução deste material — seja para fins didáticos ou comerciais — sem a devida autorização da autora. LEI Nº 9.610, de 19 de fevereiro, 1998.